

Corpos contemporâneos, corpos transgressores: lugar em que outros não estão*

Giovanna Bartucci**

Aquele que transgride vai a um lugar em que outros não estão

Em 1967, a intelectual norte-americana Susan Sontag publicava um instigante ensaio intitulado “A imaginação pornográfica”. A questão que levantava, à época, dizia respeito ao fato de a escritora não encontrar, na comunidade literária de língua inglesa, um autor que defendesse a idéia de que algumas obras entendidas como pornográficas pudessem ser consideradas obras de arte importantes e interessantes. Perguntava-se como isso seria possível, uma vez que a pornografia era tratada como um fenômeno social e psicológico e, ainda, como um “locus” fértil para avaliações morais.

Com efeito, se Sontag observava então a redução da pornografia a um sintoma psicopatológico e a uma mercadoria social problemática, também chamava a atenção para

o fracasso traumático da sociedade capitalista moderna em fornecer esquadros autênticos para a perene tendência humana de abraçar obsessões visionárias de alta temperatura, de satisfazer o apetite para modos de concentração e seriedade de caráter auto-transcendente e exaltado¹.

A autora sugeria ainda que “a necessidade dos seres humanos de transcender o ‘pessoal’ é não menos profunda do que a necessidade de ser uma pessoa, um indivíduo” (Sontag, 1967/1983, p. 231). E, finalmente, sustentava (1967/1983, p. 232) que

a imaginação pornográfica tem, apesar de tudo, seu acesso estranho a alguma verdade. Tal verdade — sobre a sensibilidade, o sexo, sobre a personalidade

individual, sobre o desespero, sobre os limites — pode ser compartilhada quando se projeta na arte.

De fato, será na sua relação com a arte que a literatura erótica se constituirá enquanto tal, uma vez que o que denominamos “poesia da transgressão” é também conhecimento. “Aquele que transgride não apenas desobedece a uma regra. Ele vai a um lugar em que outros não estão; e ele conhece algo que outros não conhecem” (Sontag, 1967/1983, p. 232).

Saber cotidiano sobre a morte

No caso do escritor e filósofo francês Georges Bataille, poderíamos dizer que esse “lugar em que outros não estão” se constituiu no seu “saber cotidiano” sobre a morte. Nascido em Billon, em 1897, e vindo a falecer em Paris, em 1962, Bataille se valeu de suas experiências pessoais e memórias de infância para compor tanto a sua obra ficcional como a teórica.

Com um pai acometido pela cegueira antes do nascimento do filho, e parcialmente paralisado antes que Bataille completasse três anos de idade, a lenta e dolorosa morte de seu pai e a insanidade periódica de sua mãe, transmutadas na experiência da proximidade cotidiana com a morte, configuram-se como o motor essencial de sua obra. Isso porque as obras ficcionais e teóricas de Bataille centram-se no horror e na obscenidade. “A obscenidade [significando] a perturbação que incomoda um estado dos corpos semelhante à possessão de si, semelhante à possessão duradoura e afirmada” (Bataille, 1957/2004, p. 29). Nessa medida, para o filósofo, cada sujeito é descontínuo como indivíduo. E “a morte tem o sentido da continuidade do ser: a reprodução leva à descontinuidade dos seres, mas ela coloca em jogo sua con-

* Este ensaio é uma versão modificada e ampliada do texto “A poesia da transgressão”, publicado originalmente na Revista *Cult*, ano VII, São Paulo, maio de 2004, pp. 23-5.

** Psicanalista e ensaísta, doutora em Teoria Psicanalítica (UFRJ), membro efetivo do Departamento de Psicanálise do Instituto Sedes Sapientiae (SP); organizadora da coleção “Psicanálise e estéticas de subjetivação” (Imago); autora de *Borges: a realidade da construção. Literatura e psicanálise* (Imago, esgotado), *A doença da morte: um direito de asilo* (Annablume) e *Fragilidade absoluta. Ensaio sobre psicanálise e contemporaneidade* (Planeta, no prelo).

1 A tradução dos trechos aqui citados é de minha autoria.

tinuidade, quer dizer, ela está intimamente ligada à morte (Bataille, 1957/2004, p. 31).

Assim, “o que está em jogo no erotismo é sempre uma dissolução das formas da vida social, regular, que fundam a ordem descontínua das individualidades que somos nós” (Bataille, 1957/2004, p. 33). O erotismo, entretanto, também é conhecimento — uma vez que é a violação ou a transgressão daquela descontinuidade. Levando a uma fusão de seres, atestando a ruptura de limites e fronteiras, “do erotismo, é possível dizer que ele é a aprovação da vida até na morte”. “Um caminho para a continuidade do ser na morte” (p. 39), sintetiza Bataille em *O erotismo*, trabalho publicado em 1957 e que condensa as principais dimensões de sua obra.

Mas o fato é que, se, para um dos representantes do pensamento pós-estruturalista, que tem no questionamento da moderna epistemologia baseada na distinção entre sujeito e objeto sua característica fundamental, tanto as suas obras ficcionais — como *História do olho* (1928) ou *Madame Edwarda* (1937), publicadas sob pseudônimos —, como os seus textos teóricos, como *A experiência interior* (1943), por exemplo, se fazem acompanhar de referências ou “ensaios” dedicados às experiências autobiográficas relacionadas ao tema em questão, confundindo, assim, os limites entre ficção e realidade, e se situando entre a ficção e a biografia, as questões relativas ao lugar que o corpo ocupa na literatura contemporânea são fundamentais.

Com efeito, vale lembrar ainda que, se, por um lado, o erotismo é, para o filósofo, concebido como “um caminho para a continuidade do ser na morte”, apontando para uma experiência permanente de desconstrução, por outro, o contemporâneo se configura como o lugar da ausência de garantias. Dito explicitamente, na pós-modernidade, “a dissolução das formas da vida social, regular, que fundam a ordem descontínua das individualidades que somos nós”, já está dada. De fato, vivemos uma pluralidade de códigos impostos pelo processo de globalização, verificados nas instituições socializadoras e por meio dos quais se inter-relacionam mal-estar, violência simbólica e sentimento de insegurança, cujas raízes parecem estar nos processos de fragmentação do social. Como observou Hobsbawm (1994), a desconstrução dos mecanismos sociais que vinculam a nossa experiência pessoal à das gerações passadas é um dos fenômenos mais característicos do final do século XX. Contudo, se, para a psicanálise, o campo do psicosexual é irreduzível a dados biológicos, não sendo o corpo nem o somático, e tampouco o organismo, ultrapassando em muito o registro biológico da vida, marcado que está este corpo pelas pulsões, há que se ter cuidado

para não sobrepor o corpo anatômico ao corpo erógeno. Dessa perspectiva, a questão fundamental parece ser: em que medida o “uso” do corpo, assim como o da escrita podem, na contemporaneidade, ser constitutivos do sujeito?

À frente de seu tempo, em permanente constituição

Com certeza, somente na medida em que considerarmos as características das subjetividades na contemporaneidade — ou seja, a presença do conflito neurótico cuja gênese não se encontra primariamente na sexualidade edípica (Bartucci, 2004) — é que se tornará necessário supor a existência de um “lugar psíquico de constituição de subjetividade” (Bartucci, 1999a, 1999b/2001) por meio do qual processos fundadores dos sujeitos possam se dar (Bartucci, 2004). Fundamentalmente porque o reconhecimento da noção de um inconsciente psíquico — cuja tópica, ao destacar diferentes modalidades de representação psíquica, inconsciente, pré-consciente e consciente, funda um campo de representações — deverá ser antecedido pela instauração dos espaços externo-interior e interno-exterior (Bartucci, 1999a, 1999b/2001), indicando posteriormente a existência de uma atividade sexual pulsional e fantasística.

Não à toa, então, o exemplo mais recente, no campo das letras, da idéia de que o conhecimento possa ser constituído, construído, por meio do uso do corpo e da escrita, por meio da “experimentação” da transgressão, talvez seja *A vida sexual de Catherine M.*, livro da crítica de arte francesa Catherine Millet, lançado no ano de 2001. Um dos maiores fenômenos editoriais dos últimos anos, permaneceu, na França e em todos os países para cuja língua foi vertido, por muitas semanas na lista dos mais vendidos. Facilmente classificável por seus críticos como “pornografia” e sua autora como uma “libertina praticante e declarada”, *A vida sexual de Catherine M.* tem implicações bastante importantes.

Confundindo os limites entre ficção e realidade, confissão e exibicionismo, privacidade e vida pública, arte e marketing, Millet expõe-se com absoluto des pudor, ao publicar sua autobiografia sexual. Contudo, ainda que tenha sido agraciado com o então recém-criado prêmio “Sade” — premiação que parece ter implicado a validação da obra pela tradição da libertinagem na França —, o ensaio de Millet é bem mais do que sexo. De forma distinta do que afirmam muitos de seus críticos, é possível considerar o seu ensaio em nada pornográfico ou libertino.

O fato é que se, por um lado, *A vida sexual de*

Catherine M. contém descrições de atos sexuais que “violam” a moral convencional, por outro, não tem a intenção de excitar o leitor, ao colocá-lo na posição de *voyeur* de uma experiência erótica. Ainda que a ensaísta descreva a série infinita de relações sexuais que manteve, a obra não reivindica nada em seu conteúdo, e parece estar à frente de seu tempo. Assim é que o ensaio de Millet — se não um relato clínico, certamente um “exercício clínico” —, honesto, íntegro e explicitamente elaborativo, nos remete às questões que destaquei acima e que considero fundamentais: qual o lugar do corpo na contemporaneidade? Em que medida o “uso” do corpo, assim como o da escrita podem ser constitutivos do sujeito?

Com efeito, a finalidade do sexo para Catherine Millet pareceria ser a de um prazer mais difuso — tendo sido sempre uma forma natural e direta de conhecer a intimidade dos amigos e dos desconhecidos. E, também, a sua própria intimidade, uma vez que a ensaísta percebia o seu corpo como um todo que não conhecia hierarquia, nem na ordem moral, nem na ordem do prazer — a sua experiência sendo a de que, à medida do possível, cada parte podia ir substituindo a outra.

O ensaio, no entanto, concebido em quatro capítulos — “O Número”, “O Espaço”, “O Espaço Contraído” e “Detalhes” —, parece constituir uma saída para o que a autora denomina “autismo benigno” e que a faz “depende inteiramente de um olhar carregado de desejo e das carícias” (Millet, 2001, p. 165) que acabarão por cobri-la. Assim é que a sua exposição, distanciada, parece ser mesmo objeto de uma operação especular, de relato. O detalhe e a precisão da narrativa aplicando-se não só à descrição dos corpos, às posições sexuais, às secreções e aos gozos, mas também aos locais e às cidades em que as cenas se passam.

Depois dos números, a autora trata de ampliar e igualmente contrair os espaços. Com efeito, como crítica de arte, Millet encontrou na arte moderna e contemporânea obras pictóricas das quais se pode dizer que se situam no limiar entre o espaço imaginário e o espaço que habitamos, o espaço real. O que caracteriza tais obras, dirá Millet, é que não apenas abrem o espaço, mas também o fecham. Situando-se, então, no limiar entre o espaço imaginário e aquele que habita, tendo associado o “amor físico” a uma conquista do espaço, Millet considera que, “de maneira geral, deve haver uma ligação intrínseca entre a idéia de se deslocar no espaço, de viajar e a idéia de trepar” (Millet, 2001, p. 120). É nessa medida que Millet explicitará o quanto foi necessário percorrer “distâncias geográficas para ter acesso a algumas partes de mim mesma” (Millet, 2001, p. 121).

Por um “lugar psíquico de constituição de subjetividade”

Os “Detalhes”, contudo, vêm confirmar o percurso que Millet parece fazer em relação a si própria (Millet, 2001, p. 167):

Não é a nudez que temo, ao contrário, é o instantâneo da revelação. (...) É absolutamente necessário passar pelo olhar do outro. Não sei dizer: ‘Olhe!’. Espero, acima de tudo, que me digam com cuidado: ‘Olhe como eu te olho...?’

Assim, vale observar que, na medida em que a presença do conflito neurótico cuja gênese não se encontra primariamente na sexualidade edípica finda por impor aos sujeitos processos constitutivos, tornando-se necessário supor a existência de um “lugar psíquico de constituição de subjetividade”, por meio do qual processos fundadores dos sujeitos possam se dar, desconhecer-se e conhecer-se, desconhecer-se e conhecer-se uma vez mais, tanto por meio da experiência psicanalítica e da escritura (Bartucci, 1999a, 1999b/2001) quanto — e pareceria ser esse o caso de Millet — por meio do sexo, do uso e da manipulação de seu próprio corpo, implica a possibilidade de instituir um lugar-outro de constituição de subjetividade.

Millet parece, de fato, atestá-lo permanentemente (Millet, 2001, p. 182):

Eis-me explicando que prefiro manter coberto tudo o que é comum desnudar, enquanto aqui mesmo (neste livro) exponho uma intimidade que a maior parte das pessoas mantém em segredo. Não é preciso dizer que, a exemplo da psicanálise que nos ajuda a abandonar no meio do caminho alguns farrapos de nós mesmos, escrever um livro na primeira pessoa acaba por relegá-la à terceira pessoa. Quanto mais detalho meu corpo e meus atos, mais me separo de mim mesma, dirá a autora, afinal.

Referências

- Bartucci, G. (1999a). Psicanálise freudiana, escritura borgiana: Espaço de constituição de subjetividade. In M. Cid & C. Montoto (Orgs.), *Borges centenário* (pp. 125-142). São Paulo: Educ.
- Bartucci, G. (1999b). Entre o mesmo e o duplo inscreve-se a alteridade: Psicanálise freudiana e escritura borgiana. In G. Bartucci (Org.), *Psicanálise, literatura e estéticas de subjetivação* (pp. 369-385). Rio de Janeiro: Imago, 2001.

- Bartucci, G. (2004). *Psicanálise e contemporaneidade: Por uma clínica diferencial das neuroses*. Tese de Doutorado, Instituto de Psicologia da Universidade Federal do Rio de Janeiro (IP-UFRJ), Programa de Pós-Graduação em Teoria Psicanalítica. Inédita.
- Bataille, G. (1957). *O erotismo* (C. Fares, trad.). São Paulo: Arx, 2004.
- Hobsbawm, E. (1994). *Era dos extremos: O breve século XX: 1914-1991* (M. Santarrita, trad.). São Paulo: Companhia das Letras, 1995.
- Millet, C. (2001) *A vida sexual de Catherine M.* (C. Fares, trad.). Rio de Janeiro: Ediouro.
- Sontag, S. (1967). The pornographic imagination. In S. A. Sontag. *Susan Sontag reader* (pp. 205-233). New York: Vintage Books, 1983.

Resumo

Tendo feito avançar anteriormente a idéia de que, em face das características das subjetividades na contemporaneidade, processos constitutivos impõem-se aos sujeitos, tornando-se necessário supor a existência de um “lugar psíquico de constituição de subjetividade” por meio do qual processos fundadores do sujeito possam se dar, a autora entende que também o “corpo contemporâneo”, lugar transgressivo “em que outros não estão”, se constitui em um “lugar (psíquico) de constituição de subjetividade”.

Palavras-chave

Constituição de subjetividade. Contemporaneidade. Corpo.

Summary

Contemporary bodies, transgressing bodies: “a place where others are not”

Having previously advanced the idea that, in face of the characteristics of the subjectivities in the contemporaneity, constituent processes are imposed onto the subjects, making it necessary to suppose the existence of a “psychic place of constitution of subjectivity” through which constituent processes can take place, the author understands that the “contemporary body”, a “place where others are not”, can also constitute itself as a “psychic place of constitution of subjectivity”.

Key-words

Constitution of subjectivity. Contemporaneity. Body.

Giovanna Bartucci
Rua Amália de Noronha, 383/109 —
Jardim América
05410-010 — São Paulo — SP
Tel. 11 3676-1441
gbartucc@uol.com.br